

***CANOTTIERI DUCCA
DEGLI ABRUZZI (1908-1963):
a nacionalização do “Clube de Remo
dos Italianos” em Porto Alegre***

**Janice Zarpellon Mazo¹
Tiago Oviedo Frosi²**



Identidade

Resumo

O *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* foi fundado pelos imigrantes italianos e seus descendentes em 1908, na cidade de Porto Alegre (RS). Esta associação esportiva era identificada como o “Clube de Remo dos Italianos”, pois além de privilegiar a prática do remo, constituiu-se durante um longo período de tempo, em espaço de afirmação de uma identidade cultural dos italianos. Após três décadas da sua fundação, o clube sofreu um forte abalo na sua identidade cultural, devido ao ‘abrasileiramento’ dos clubes esportivos. Esse estudo tem como objetivo compreender como ocorreu o processo de nacionalização do *Canottieri Ducca degli Abruzzi* no início da década de 1940, em Porto Alegre. As fontes impressas consultadas indicam que o *Canottieri* ofereceu, inicialmente, resistência à campanha de nacionalização imposta durante o Estado Novo (1937-1945). Entretanto, mudou o nome para “Clube de Regatas Duque de Caxias”, em 1942, também em razão dos acontecimentos decorrentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Além disso, os livros de Atas, os relatórios e demais documentos do clube passaram a ser redigidos em língua portuguesa. O “italiano” não poderia mais ser empregado na comunicação entre os associados do clube.

Palavras-chave: Clube de Remo dos Italianos. Identidade cultural. Nacionalização.

***Canottieri Ducca degli Abruzzi (1908-1963):
the nationalization of the rowing Club of the Italians in Porto Alegre***

Abstract

The *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* was established by Italian immigrants and their descendents in 1908, in Porto Alegre (RS). This association was identified as the ‘Italian Rowing Club’ because its main practice was rowing and, for a long time, to be a space for the affirmation of Italian identity. After three decades of its establishment, the club suffered a heavy blow in its cultural identity, caused by the nationalization of sports clubs. This study has the objective of comprehending the occurrence of the nationalization process of the *Canottieri Ducca degli Abruzzi* at the beginning of the 1940’s in Porto Alegre. The perused printed sources denote that *Canottieri* offered certain resistance to the nationalization campaign imposed during the *Estado Novo* (1937-1945) in spite of the name change to “Clube de Regatas Duque de Caxias” in 1942, due to the heavy strain supported in the World War II period (1939-1945). Moreover, books and proceedings, records and other documents started to be composed in Portuguese. The “Italian” language could not be used in communication between the association members.

Key words: Italian Rowing Club. Cultural identity. Nationalization.

Considerações iniciais

O *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* – “Clube Italiano de Remo Duque de Abruzzi” – foi fundado pelos imigrantes italianos e seus descendentes em Porto Alegre, em 1908. Nessa época, já havia outras associações de remo na cidade, porém algumas congregavam imigrantes alemães e seus descendentes, enquanto que outras tinham sócios majoritariamente luso-brasileiros. Embora as associações luso-brasileiras aceitassem no seu quadro de sócios alguns imigrantes italianos e seus descendentes, não havia uma associação esportiva identificada com os “italianos” em Porto Alegre.

O *Canottieri* foi a primeira associação esportiva de remadores fundada pelos “italianos” na cidade. Ficou conhecido como o “Clube de Remo dos Italianos”, pois privilegiou um espaço de afirmação de uma identidade cultural dos italianos, principalmente, pelas práticas esportivas. As práticas esportivas do clube foram, primeiramente, o remo e, posteriormente, a natação e o pólo aquático. Assim como outros clubes fundados pelos imigrantes europeus em Porto Alegre, o *Canottieri*, desde o princípio, procurou manter as tradições e costumes do país de origem, promovendo atividades que valorizassem sua cultura (MAZO, 2003).

A cultura, representada pelos saberes e fazeres regionais e seus valores, crenças hábitos e costumes, é considerada como um dos critérios para definir a identidade de um grupo (GIRON, 2005). Para conhecer a identidade de um grupo, de acordo com Cuche (1999) é necessário localizar os traços culturais “que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural em relação aos *outros*” (p. 182). A língua (ou dialeto) foi um dos elementos mais significativos na construção da identidade cultural dos imigrantes italianos em Porto Alegre. No *Canottieri*, a comunicação entre os associados era realizada em dialeto italiano, assim como era esta a língua oficial nos documentos do clube. As atas redigidas em “italiano” eram um meio de demarcar a diferença em relação às demais associações esportivas, como também de preservar sua identidade cultural.

A identidade cultural do “Clube de Remo dos Italianos” foi abalada pela campanha de nacionalização desencadeada durante o Estado Novo (1937-1945) no país. Acentuaram-se as medidas opressoras sobre as manifestações culturais dos imigrantes italianos quando, em 1942, o Brasil ingressou na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Na capital do Estado do Rio Grande do Sul, houve o endurecimento do processo de nacionalização devido à forte presença de imigrantes europeus. A campanha de nacionalização atingiu escolas, instituições religiosas, culturais e esportivas, vinculadas principalmente aos imigrantes alemães e italianos.

CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre

Frente a esse contexto, emergem as questões norteadoras do estudo: a) Como ocorreu o processo de nacionalização do “Clube de Remo dos Italianos”, em Porto Alegre, no período de 1937 a 1945; b) Quais as repercussões do processo de nacionalização do “Clube de Remo dos Italianos”; c) O “Clube de Remo dos Italianos” ofereceu algum tipo de resistência a sua nacionalização?

O estudo aborda o tema na perspectiva teórico-metodológica da História Cultural (CHARTIER, 2000; BURKE, 2005). Para tanto, foram consultadas fontes impressas, como jornais, revistas, almanaques, documentos, além da gravação de depoimentos orais com pessoas que vivenciaram o período em questão no *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. Faz-se a ressalva que os entrevistados assinaram o “Termo de Consentimento” das informações para utilização neste estudo. As informações obtidas foram submetidas à análise documental de acordo com Bardin (2000).

Este trabalho é uma primeira incursão dos pesquisadores quanto às contribuições da comunidade italiana de Porto Alegre na configuração do cenário do associativismo esportivo da cidade.

Conforme segue, o texto foi estruturado em três partes: na primeira parte, aborda-se a presença dos imigrantes italianos e seus descendentes em Porto Alegre; na segunda apresentam-se apontamentos sobre o fenômeno do associativismo esportivo entre os imigrantes italianos, além do registro sobre a fundação do *Canottieri*; na terceira parte, reconstitui-se o processo de nacionalização do “Clube de Remo dos Italianos”. Por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

A presença dos imigrantes italianos e seus descendentes em Porto Alegre

A presença dos imigrantes italianos inicialmente “esparça e constituída por indivíduos provenientes de diversas regiões italianas” foi se tornando significativa em meados do século XIX em Porto Alegre (CONSTANTINO, 2002). Segundo Frosi e Mioranza (1975, p. 36), os imigrantes originários das regiões do Vêneto e da Lombardia foram os grupos que em maior número chegaram ao Rio Grande do Sul (54% e 33% respectivamente). Outros grupos de menor expressão (não chegando a representar 15% do total de imigrantes) eram formados principalmente por Trentinos e Friulanos.

Foram diversas as razões que trouxeram os imigrantes italianos ao país. Segundo Costa (1997), um dos principais motivos foi o desemprego gerado pela Revolução Industrial à população do sul da Itália. Entre 1876 e 1914, os italianos representaram 44% do total de **CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre**

entrada de estrangeiros no Brasil. Isso foi favorecido pela decisão brasileira de financiar a viagem, procedimento que permitia a emigração de todo o núcleo familiar e daqueles que não tinham a possibilidade de pagar sua passagem (TRENTO, 2000, p. 26).

Os imigrantes enviados para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram direcionados para locais inabitados, com o objetivo de ocupação para garantir os limites territoriais que vinham sendo motivo de disputas militares históricas entre Brasil e os países vizinhos, diferentemente daqueles que foram para o sudeste e acabaram sendo direcionados ao trabalho nas lavouras de café, principalmente para substituir o trabalho dos escravos libertos. Diversos grupos de imigrantes sucumbiram a tentativas como essas e acabaram se dirigindo aos grandes centros urbanos, como Porto Alegre. Além disso, houve a mobilidade de italianos recém chegados à Argentina e Uruguai, que trazidos pelo empreiteiro Serpa Pinto, acabavam se fixando na capital do Rio Grande do Sul.

A partir de 1875, os imigrantes italianos começaram a se instalar em massa em Porto Alegre. Conforme Costa (1997, p.105) “estimativas de 1890 dizem que [os italianos] eram mais de 10% dos 52 mil habitantes” da cidade. Havia mais de 5.000 italianos ao final do século XIX em Porto Alegre. Inclusive, dizia-se que na época “havia mais italianos na capital gaúcha do que em Morano Calabro, na Calábria” (COSTA, 1997, p.105). Conforme o autor, os imigrantes italianos e seus descendentes povoaram áreas da zona sul de Porto Alegre, um local que chamavam de *Villanova d'Italia*, “as terras do futuro bairro Vila Nova” (p.105).

Após o demorado período de instalação e organização da vida na cidade, os imigrantes italianos começaram a se organizar em torno de associações onde realizavam atividades comuns e voltadas à identidade italiana. Da mesma maneira que os imigrantes alemães e seus descendentes eram unidos e preservavam a cultura da pátria de origem e também buscavam afirmar sua identidade cultural, a chamada *italianità* – ser italiano. A construção dessa identificação reforçava o quadro de preconceitos para com os imigrantes italianos e seus descendentes na cidade.

Todavia, o sentimento de *italianità* nem sempre era suficiente para a fundação de associações ou o estabelecimento de ligações de qualquer natureza entre os imigrantes italianos. Na maioria dos casos, após a instalação no local da chegada, a *italianità* “era desde logo superada pelos fortes sentimentos regionais, que imperavam antes da unificação das diversas províncias italianas” (DE ROSE, 1996, p.28). A mesma autora afirma que:

As associações que surgiam selecionavam os indivíduos pelo seu nível social ou pela origem regional, mais do que pelo fato de serem italianos. Desta forma, as entidades beneficentes, esportivas ou mesmo educacionais emergentes, embora

levassem o nome de italianas, eram na realidade sociedades de grupos ou de classes, que no mais das vezes rivalizavam entre si (DE ROSE, 1996, p. 28).

Nesse sentido, Paiva (2007) refere que o sentimento de brasilidade afluía fortemente entre os imigrantes italianos e observava-se um imigrante até mais brasileiro que os brasileiros. A condição assumida pelos imigrantes italianos que chegavam a Porto Alegre pode ser explicada pelo fato que até o início do século XX havia “uma grande diversidade de origem. Falavam diferentes dialetos, apresentavam usos e costumes muito diversos entre si” (CONSTANTINO, 2002, p.82).

De acordo com Constantino (2002) “a etnicidade é sempre reinventada para fazer frente a realidades que mudam, comportando diálogo com a cultura dominante” (CONSTANTINO, 2002, p.83). Sendo assim, as diferentes representações e práticas culturais dos imigrantes italianos no princípio do século XX, em Porto Alegre, não impediram sua organização em torno de diversas associações culturais e esportivas.

O associativismo entre os imigrantes italianos

O associativismo foi um aspecto marcante da presença dos imigrantes italianos e seus descendentes no país. De acordo com Trento (2000), “O mundo das associações e sociedades constituídas por italianos no Brasil foi sempre muito diversificado, desde o início da emigração de massa” (TRENTO, 2000, p. 124). O autor refere que:

A vida cotidiana dos operários e artesãos italianos no Brasil era, entretanto, caracterizada também por uma notável convivência associativa, que ia além das questões estritamente ligadas ao trabalho. Várias associações operárias fundadas por imigrantes italianos – das ligas de ofício aos grupos políticos; das sociedades de socorro mútuo às tão-somente recreativas ou esportivas – eram de fato o eixo das relações sociais entre os vários habitantes dos bairros populares (TRENTO, 2000, p. 95).

Muitas foram as *Società di Soccorso Mutuo* (Sociedade de Mútuo Socorro), como também as organizações profissionais fundadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes nos estados brasileiros e cidades em que se instalaram. No Rio Grande do Sul, “os imigrantes italianos, em função do isolamento em que se encontravam, buscavam organizar-se em comunidades, que tinham três finalidades principais: a manutenção e o crescimento da amizade entre eles, o cultivo da fé religiosa e o auxílio mútuo” (DE ROSE, 1996, p.26).

As *Società* eram associações exclusivas para atender às diferentes necessidades dos imigrantes, além de atuarem na preservação da identidade cultural da comunidade. A *Società* promovia o auxílio mútuo aos imigrantes que, por sua vez, cultivavam a *italianità*: a

CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre

consciência da nacionalidade italiana, o culto aos heróis e os feitos do ressurgimento¹. Constantino (2005, p.83) afirma que “os membros das sociedades passavam a representar a Itália unificada”. Sendo assim, num primeiro momento havia mais preocupações (e talvez até motivações) para se valorizar traços culturais e costumes, como a língua, as danças típicas e a culinária, traços esses mais facilmente praticáveis num cotidiano de trabalho. Por meio dessas ações, havia uma intensa busca de inserção na “nova pátria”. Essas associações, também financiavam escolas “[...] sobretudo primárias ou profissionalizantes, frequentemente com o objetivo de ensinar a língua italiana aos filhos dos sócios” (TRENTO, 2000, p. 125).

Na capital do Estado, a primeira *Società Italiana* foi fundada na década de 1870: a *Società Vittorio Emanuele II* (CONSTANTINO, 2002, p.83). Segundo De Rose (1996) essa associação “foi fundada em 1877, com o nome de *Società Mutuo Soccorso e Benevolenza*, tendo sido acrescentado, no ano seguinte, o nome *Vittorio Emanuele*, que permitia em seu estatuto a filiação de italianos, descendentes de italianos e de pessoas de outras nacionalidades” (p.28). Curiosamente, a presidência de honra desta *Società* foi concedida ao General Giuseppe Garibaldi, que aceitou o convite e da Itália respondeu “agradecendo e reafirmando sua admiração pelos gaúchos do Rio Grande do Sul” (CONSTANTINO, 2005, p.83).

Outras sociedades italianas foram fundadas em Porto Alegre, mas de fato, até o início do século XX, nenhuma delas de cunho esportivo. Entretanto, os imigrantes italianos instalados em outros estados brasileiros já praticavam esportes em associações próprias. Conforme Trento (2000), “o futebol era muito difundido entre os italianos no Brasil, que chegaram a fundar vários times, desde os escolares e de bairros até clubes bem-sucedidos, como o Palestra Itália de São Paulo e de Belo Horizonte, hoje, respectivamente, Palmeiras e Cruzeiro” (p.106).

A prática esportiva, num primeiro momento, se configurou para a comunidade italiana como uma forma de inserir-se na sociedade local, interagindo com os grupos já estabelecidos na cidade. Esse fato é evidenciado por De Rose (1996), quando a autora se refere às conquistas do “Clube de Regatas Almirante Barroso”: “italianos, alemães e brasileiros fizeram a grandeza deste clube, com atletas como Sílvio Vicentini, Humberto Demartini, Antônio Marcelino e Francesco Tedesco [...]” (DE ROSE, 1996, p.56). O “Barroso” era um clube de remo, que tinha sócios oriundos de classes sociais de baixa renda econômica e aceitava pessoas de qualquer etnia. Nesse aspecto, o “Barroso” diferenciava-se de outros clubes de remo existentes em Porto Alegre, que restringiam o acesso de outras etnias, que não a dos fundadores. A relação entre os imigrantes italianos e alemães era fraca no campo

CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre

esportivo; de fato não ultrapassava certos limites do plano comercial. Os imigrantes alemães, já instalados e em muitos casos, bem sucedidos nos negócios, buscavam os produtos coloniais dos italianos para vender nos grandes centros urbanos. De Rose (1996) afirma que “o fato de que a imigração italiana ocorresse 50 anos após a imigração alemã fazia com que os peninsulares buscassem na maior experiência dos nórdicos uma orientação para problemas comuns, sem nenhum tipo de rivalidade ou preconceitos sociais” (DE ROSE, 1996, p.27). A autora (1996) esclarece que a “experiência limitava-se, entretanto, aos problemas comuns dos dois grupos de imigrantes, e essencialmente a uma simbiose no que se relacionava aos negócios, sem que houvesse uma troca de valores entre as duas colonizações, especialmente na área de atividade física e esporte” (Idem).

Havia uma dificuldade de acesso de sócios de outras identidades culturais às associações fundadas pelos imigrantes alemães. Senão pelas definições dos próprios estatutos das associações, essa barreira acontecia por motivos culturais e até mesmo de convivência entre pessoas de diferentes origens étnicas e sócio-econômicas. Por exemplo, a *Turnerbund* – atual “Sociedade Ginástica Porto Alegre” (SOGIPA), 1867 – era uma sociedade muito respeitada e reconhecida na cidade, porém fechada à recepção de influências de outros grupos diferentes da sua matriz cultural.

Diversos fatores dificultaram a prática esportiva sistemática entre os imigrantes italianos na época. Entre eles, destaca-se a falta de unidade entre os próprios imigrantes e descendentes pela questão das identidades regionais sobrepor-se à *italianità*. Também havia o conflito de identidades culturais que se manifestava em relação às associações esportivas, identificadas com os imigrantes alemães não só as que ofereciam a prática do remo, mas outras práticas esportivas e atividades físicas. Frente a essa situação, os imigrantes italianos expandem seu domínio para o campo esportivo através da fundação do *Canottieri Ducca Degli Abruzzi*, em 1908.

Fundação do *CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI*

A data escolhida para marcar a fundação do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* foi 9 de fevereiro de 1908, sete dias após a primeira reunião para tratar da fundação de uma associação esportiva que atendesse aos interesses da comunidade italiana porto-alegrense (HOFMEISTER, 1978, p.62). Essa reunião foi realizada na sede social da *Società Vittorio Emmanuele II* em 2 de Fevereiro, no dia da tradicional procissão e festa de Nossa

Senhora dos Navegantes. Dentre as pessoas presentes à reunião estavam Raffaele Guaspari, apontado como o fundador do clube. De Rose (1996) destaca:

Raffaele Guaspari, com seu espírito forte e empreendedor, foi o grande mentor desta idéia, pois era um excelente desportista e um verdadeiro modelo para os jovens da época. [...] Obstinado, vendo as poucas opções existentes para a prática do esporte, criou o Duca como um centro esportivo e cultural para os jovens imigrantes em Porto Alegre (DE ROSE, 1996, p.57).

Além de Guaspari, outras personalidades com sobrenomes destacados na comunidade italiana participaram da fundação: Amabile, Antonello, Carraro, D'Amore, La Porta, Mondin, Paolini, Provenzano, Sirangelo, Tonon, Truda, Trussardi, Vitale, Zambrano. Segundo Hofmeister (1978, p.62) e De Rose (1996, p.58) estiveram presentes à reunião de fundação do clube 39 homens. Assim como ocorreu na fundação de outros clubes em Porto Alegre, as mulheres não participaram (ou não foram vistas), pelo menos diretamente, do período de instalação.

A organização do novo clube, marcada pela expressiva presença de membros da comunidade italiana, não ocorreu de forma tranqüila. Houve uma disputa interna inicial pela escolha do nome. A facção antimonarquista e republicana tinha como preferência o nome *Club Canottieri Cristophoro Colombo*, em homenagem ao genovês “Cristóvão Colombo” – o “descobridor” da América. Porém, a facção monarquista, em maior número, optou pelo nome *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. *Ducca degli Abruzzi* foi como se tornou conhecido o grande alpinista e explorador: Luigi Amedeo Giuseppe Maria Ferdinando Francesco di Savoia-Aosta.

Luigi di Savoia-Aosta, nascido em janeiro de 1873, tornou-se famoso na Itália na mesma época da fundação do *Canottieri* em Porto Alegre, principalmente por seus feitos como explorador do Pólo Norte. Com apenas 27 anos de idade partiu em 1900 para uma jornada “sem rádio, radar ou qualquer instrumento térmico de que dispomos hoje” (ABRUZZI, 2007). Consta, ainda, entre seus feitos, a participação na Guerra Ítalo-Turca (1911) e na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como um dos comandantes da marinha italiana. Foi também um dos grandes responsáveis pela “colonização” da Somália para onde fora enviado em 1919. Ao longo de sua carreira militar foi condecorado com os seguintes títulos: *Commendatore dell' Ordine Militare d'Italia*, em 1913; *Grande Ufficiale dell' Ordine Militare d'Italia*, em 1916; e *Cavaliere di Gran Croce dell' Ordine Militare d'Italia*, em 1924. Faleceu em março de 1933, no vilarejo *Ducca degli Abruzzi*, na Somália, com título de duque e vice-almirante da esquadra italiana.

A escolha do nome em homenagem a *Ducca degli Abruzzi* refletia os fortes posicionamentos políticos adotados pelos membros das outras sociedades italianas. Isso ocorria, principalmente, entre as associações próximas ao governo e simpáticas à monarquia, e àquelas socialistas e republicanas. Tais posicionamentos políticos desencadeavam conflitos de identidades na própria comunidade italiana em Porto Alegre.

Após o encerramento da discussão sobre o nome do novo clube, foram definidos os objetivos da instituição. Conforme o processo nº 3692 do Arquivo Público Estadual – 3ª Vara Cível e Comércio, o *Canottieri* tinha como objetivos “criar, manter e promover entre os sócios os exercícios higiênicos do remo e da natação”. De Rose (1996) destaca que foi no remo que “os italianos e seus descendentes mais marcaram sua participação, seja pela importância que possuía o *Club Duca degli Abruzzi* para a colônia em Porto Alegre, não apenas na área esportiva, mas também como um ponto de encontros culturais” (p.49). Os encontros ocorriam na sede do clube instalado na Rua Voluntários da Pátria, em um prédio projetado pelo Dr. Armando Boni. Posteriormente, foi introduzida no clube a prática da natação e do pólo aquático (Revista do Globo, 1932), na perspectiva de reforçar os hábitos higiênicos dos associados através da prática esportiva e de exercícios físicos.

Desde a fundação, o clube foi crescendo sem qualquer interferência governamental. Mesmo durante a I Guerra Mundial (1914-1918) o “Clube de Remo dos Italianos”, em Porto Alegre, não foi afetado como ocorreu com os clubes dos imigrantes alemães (MAZO, 2003). Os imigrantes italianos continuaram sendo vistos com bons olhos, principalmente pelo fato de “adotarem” o Brasil como segunda pátria. Paiva (2007) refere que a crise de identidades gerada na chegada à nova pátria criava nos imigrantes um sentimento que fazia deles “mais brasileiros que os brasileiros”. Esta condição, por outro lado, gerou diversas iniciativas para preservar a *italianità*.

Na década de 1920, houve a tentativa de reativação das “escolas italianas”, quase extintas pela existência de escolas públicas que atendiam os interesses da população porto-alegrense. Conforme Constantino (2002) “com a ascensão de Mussolini houve o esforço de reativação, mas as escolas italianas só foram prestigiadas pelos filhos dos expoentes das colônias” (p.86). Para controlar as escolas foram instalados no Brasil órgãos do partido fascista, porém o controle estendeu-se para além das escolas atingindo as associações italianas. Bertonha (2007) afirma que “os fascistas também conseguiram controlar quase todas as escolas e associações da colônia italiana e o grosso da imprensa” (p.24). O governo italiano se empenhou em enviar e manter no Brasil imigrantes vinculados à pátria e ao credo fascista.

O reforço na afirmação da identidade italiana pode ter contribuído para a manutenção da posição de “afastamento” dos imigrantes italianos e descendentes em relação aos alemães (maioria na população geral na época). Era algo impensável a possibilidade de se promover dentro de uma associação alemã manifestações e práticas culturais que promovessem a cultura italiana como, por exemplo, a culinária típica como a *seresta calabresa* ou as danças italianas. De Rose (1996) constatou ainda, através de entrevistas, que o interesse dos alemães quanto a relacionar-se com os italianos era estritamente comercial. Os comerciantes alemães buscavam na colônia italiana produtos para abastecer seus estabelecimentos comerciais já bem sucedidos na capital. Esse distanciamento entre os grupos refletia-se no campo esportivo.

Os imigrantes italianos não freqüentavam as associações esportivas fundadas pelos imigrantes alemães como o *Turnerbund* e o “Clube de Remo Germânia”, por exemplo. É fato que o alemão era a língua oficial nessas associações, tanto na documentação quanto no cotidiano até a nacionalização no início da década de 1940. Tal evidência por si só demonstra a inacessibilidade de outros grupos étnicos a essas associações, já que era necessário o conhecimento da língua alemã, bem como o cultivo de símbolos e identidades próprios dessa comunidade.

Nesse contexto, os imigrantes italianos foram “forçados” a fundar seu próprio clube para a prática do remo em Porto Alegre. Todavia, assim como nas associações esportivas dos alemães, a língua oficial era o dialeto italiano. Essa exigência também restringiu o ingresso de sócios pertencentes a outros grupos étnicos ao clube dos italianos. Assim, o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* constituiu-se em um espaço de preservação e afirmação da identidade cultural dos imigrantes italianos em Porto Alegre.

A nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’

As primeiras tentativas do governo brasileiro de nacionalizar os clubes esportivos identificados como “estrangeiros” – fundados pelos imigrantes – ocorreram durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No período instalou-se no país um clima pouco favorável à presença dos imigrantes alemães e seus descendentes. Já os imigrantes italianos não sofreram hostilidades por parte do governo e da população em geral.

No período entre guerras (1918-1939), o nacionalismo exacerbado foi marcante entre os imigrantes alemães, enquanto que entre os imigrantes italianos e seus descendentes, em geral, o nacionalismo não apresentava a mesma intensidade. Isso de certa forma pode explicar

porque no período “as leis restritivas à vinda de estrangeiros não foram especialmente duras para com nossos italianos” (CONSTANTINO, 2002, p.85).

Todavia, a campanha de nacionalização desencadeada durante o Estado Novo (1937-1945) atingiu tanto os imigrantes alemães quanto os italianos em Porto Alegre. As manifestações culturais dos imigrantes italianos, que até então tinham uma aceitação, começaram a ser hostilizadas com o desencadeamento da campanha de nacionalização no país. A conhecida “Lei da Nacionalização” – Decreto-Lei n. 868, de 18 de novembro de 1938 – atingiu as associações filantrópicas, culturais e esportivas em todo o país (DE ROSE, 1996, p.30).

No sentido da nacionalização dos clubes esportivos identificados como sendo “estrangeiros” foi promulgado o Decreto-Lei n. 3.199 em 1941 (MEZZADRI, 1998). A partir dessa legislação, que estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, a prática esportiva nos clubes foi normalizada. Os clubes vinculados culturalmente aos imigrantes italianos, como também aos alemães foram forçados a mudar sua denominação, e alguns aspectos relativos ao seu funcionamento.

O endurecimento das medidas opressoras às manifestações culturais dos imigrantes italianos acentuou-se durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o Brasil declarou guerra à Itália em 1942. O conflito com os países do Eixo acabou por mudar o olhar da sociedade sobre os imigrantes italianos (como também alemães e japoneses). Não só os costumes, mas as práticas esportivas sofreram os efeitos da guerra. Nessa época, emergiu um sentimento de preconceito e revolta contra pessoas com identidades étnicas comuns aos inimigos do Brasil na guerra.

Bertonha (2007) refere que “muitos italianos e descendentes sofreram perseguições. Embora de menor monta que as infligidas a imigrantes alemães e japoneses, essas represálias não deixaram de ser penosas, provocando marcas na comunidade” (p.25). Como a questão cultural dos italianos não era tão forte quanto de outros grupos, não houve com os *oriundi* a mesma repressão que se constatou em outros grupos.

As relações entre Itália e Brasil já não eram mais amistosas e iniciou-se uma fase de retaliação ao cultivo da cultura italiana no país. Além disso, manifestou-se uma forte corrente nacionalista, apoiada pela entidade patriótica denominada “Liga de Defesa Nacional” (LDN), que atuou como agente de ‘instauração’ de uma identidade cultural brasileira. A Liga de Defesa Nacional trabalhava para consolidar o plano da nacionalização, como conta Maestri (2005):

O rompimento das relações diplomáticas e a declaração de guerra ensejaram a ruptura dos múltiplos contatos do Brasil com a Itália e aceleraram a construção-promoção de um sentimento de brasilidade. Desde 1941, proibiram-se as escolas, associações, jornais e o uso público das línguas das nações do Eixo. Favorecidas pelo crescimento do mercado nacional, os comerciantes e industriais ítalo-sulinos abandonaram a bandeira negra do fascismo pela verde-amarela da Liga de Defesa Nacional (MAESTRI, 2005, p.3).

O núcleo da LDN, instalado na cidade de Porto Alegre, em 1937, passou a controlar todas as atividades esportivas e administrativas dos clubes. Para realizar competições ou qualquer outro tipo de prática ou manifestação cultural, os clubes necessitavam da autorização da LDN – instituição que colaborou intensamente com a campanha de nacionalização no Rio Grande do Sul.

A nacionalização de alguns clubes já tinha ocorrido, através, por exemplo, da alteração de suas denominações e da língua (dialeto) que usavam para escrever suas atas. No entanto, mesmo com a situação que se instalava, os dirigentes e associados do *Canottieri* não se mobilizaram a realizar tais reformas e transformações no clube, marcando uma resistência à nacionalização. Porém, essa resistência não se dava quanto à *italianità* e, sim, quanto às identidades regionais e à própria existência da associação. Contudo, a fase “italiana” do *Canottieri* não resistiu às turbulências da II Guerra Mundial no início da década de 1940.

Conforme Hofmeister (1978):

Em plena II Guerra Mundial, a denominação original (Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi) foi mudada para Grêmio de Regatas Duque de Caxias, depois que a sede social e a garagem, na Rua Voluntários da Pátria, sofreu a ação de depredadores fanatizados pelos acontecimentos da guerra (p.65).

A sede do *Canottieri* foi invadida por populares em 1942 que, após retirarem livros, atas, outros documentos e troféus do clube, lançaram todo o material no Lago Guaíba. O presidente do clube, segundo depoimento oral, foi preso e interrogado. No mesmo ano, em 24 de abril, o clube “abrasileirou” seu nome, adotando uma denominação em homenagem a um herói nacional: Duque de Caxias. Frente à situação, o “Clube de Remo dos Italianos” precisava se mostrar um “Clube de Remo Brasileiro”, isto é, construir representações de uma identidade cultural brasileira.

Os italianos nunca se caracterizaram por uma coesão étnica forte. Se os compararmos com os alemães, podemos dizer que esses foram muito mais coesos. Temos por exemplo uma prova de atitudes diferentes dos italianos e alemães face à proibição de falarem os respectivos dialetos, na época em que foi feita a campanha de nacionalização do ensino no Brasil e, posteriormente, com a Segunda Guerra. Os próprios padres que faziam sermão bilíngüe nas igrejas católicas [...] passaram a fazer o sermão só em língua portuguesa. O que fizeram os alemães? A atitude dos alemães foi um pouco diferente. Eles se reuniram e solicitaram ao Presidente da

República a continuarem a fazer o culto em língua alemã, o que lhes foi concedido. (FROSI, 2002, p.168)

Dentre as tantas resoluções da Lei de Nacionalização, aquela que provavelmente impactou culturalmente com mais força nas comunidades foi a proibição do uso público da língua italiana. “A proibição da prática pública de línguas itálicas, determinada pelo Estado Novo, entre 1942 e 1945, enfraqueceu falares já há tempo em processo de debilitação” (CARBONI, 2005, p.7). Na verdade, era impossível sustentar o sentimento italiano, mesmo com a tentativa de reestruturação das “escolas italianas” na década anterior. A situação, principalmente em virtude do conflito armado, impediu que o desenvolvimento das associações italianas em Porto Alegre caminhasse para uma identificação cada vez maior com a figura do novo Estado Italiano. Constantino (2002) evidencia bem tal fato:

Sabe-se que a ofensiva fascista nas comunidades do exterior; estimulando a criação de uma nova identidade, que utilizasse símbolos extraídos daquela ‘nova pátria’ italiana, em seu modelo proclamado como moderno, ordeiro, progressista. Tal construção acabaria abortada pela declaração de guerra ao Eixo. Extintas as escolas e sociedades, proibido o uso público do idioma de Dante, os expoentes da colônia não têm como liderar construções de italianidade que impressionavam os representantes diplomáticos. A italianidade não era mais funcional; era até mesmo perigosa. Interrompe-se, portanto, a construção de uma identidade italiana (CONSTANTINO, 2002, p.86).

A interrupção da construção da identidade italiana, no *Canottieri*, não ocorreu imediatamente à mudança do nome original do clube. Como afirma Henrique Licht em sua entrevista, a mudança de nomenclatura causou a saída de associados do quadro de membros do “Clube de Regatas Duque de Caxias”. Esses teriam lutado até o fim contra a mudança de nome, que fora inevitável. Certamente, a depreciação das instalações do clube, que já não gozava de grande estrutura até a década de 1940, também abalou sua identidade original.

Da fundação do clube até 1942, época identificada como de desenvolvimento do clube nos “moldes italianos”, verificou-se na listagem dos presidentes apenas imigrantes italianos ou descendentes, conforme quadro a seguir, apresentado por Hofmeister (1978, p.65). Faz-se a ressalva que desde a fundação do *Canottieri*, os mandatos na presidência do clube eram de um ano, mas presidentes que figuram por tempos maiores foram reeleitos nos respectivos períodos. A partir de 1942, com a mudança do nome, também ocorreram mudanças administrativas no clube, sendo que uma delas foi o mandato presidencial que passou de um para dois anos.

Presidente	Período
Pascoal de Leonardo Truda	1908 a 1911
Rafaello Guaspari	1911 a 1914
Ernesto Paolini	1914 a 1917
Felipe La Porta	1917 a 1919
Rafaello Guaspari	1919 a 1921
Nicola Paternostro	1922 1924
Lorenzo Zaccaro	1924 a 1925
Rafaello Guaspari	1925 a 1927
Victorio Boano	1927 a 1928
Ítalo Damiani	1928 a 1930
Luiz Capelli	1930 a 1931
Rafaello Guaspari	1931 a 1932
Julio Mottin	1932 a 1934
Giuseppe Maia	1934 a 1936
João Nilo Brusamolin	1936 a 1938
Júlio Gatti	1938 a 1940
Ernesto Capelli	1940 a 1941
Ângelo Rossi	1941 a 1942
Julio Gatti	1942 a 1943
Túlio De Rose	1943 a 1944
João Nilo Brusamolin	1944 a 1945
Emílio Otto Kaminski	1945 a 1948
Afonso Trochia	1948 a 1950
Zacarias de Azevedo	1950 a 1954
Ângelo Rossi	1954 a 1956
Gilfredo Otto de Camillis	1956 a 1957
Otacílio Pereira	1957 a 1958
A. Adolfo Purper	1958 a 1960
João Lourenço Antonello	1960 a 1962
Renato de Souza	1962

Quadro 1- Nome dos presidentes do clube e período de Gestão, desde a fundação até 1945

Observa-se no quadro 1 que, em 1943, depois de um ano em que foram impostas medidas visando ao brasileiroamento do clube, o ítalo-brasileiro Túlio De Rose, conhecido jornalista esportivo, assumiu a presidência do clube. Esse fato pode ser um indicativo do processo de nacionalização do clube, pois Túlio De Rose mantinha laços estreitos com a LDN.

CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre

Os sobrenomes italianos dos presidentes não se mantêm como ocorreu no período de fundação e na “fase italiana” do clube. No quadro apresentado, percebem-se sobrenomes que sugerem vínculos com outras etnias a partir de 1945. Já os sobrenomes italianos dos atletas vitoriosos do clube são evidenciados no quadro abaixo (HOFMEISTER, 1978, p. 90-121).

Atletas	Competição	Ano
Edmundo Radomski João De Lorenzi Arturo Caye Luis Capelli (voga) Romeu Tussardi (timoneiro)	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 com timoneiro	1924
José Carminatti João De Lorenzi Arturo Caye Luis Capelli (voga) Dino Damiani (timoneiro)	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 com timoneiro	1925
José Carminatti João De Lorenzi Edmundo Radomski Luis Capelli (voga) Dino Damiani (timoneiro)	Brasileiro <i>Out-Rigger</i> a 4 com timoneiro	1925
Edmundo Radomski João De Lorenzi Arturo Caye Luis Capelli, (voga) Dino Damiani (timoneiro)	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 com timoneiro	1926
Alexandre Michalski Stefen Michalski João Carminatti Valter Knack (voga) Luís Tagliani (timoneiro)	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 com timoneiro	1928
Oswaldo Silveira Manoel Silveira Lourival Silveira Joaquim Silveira	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 sem timoneiro	1939
Oswaldo Silveira Manoel Silveira Lourival Silveira Joaquim Silveira	Brasileiro <i>Out-Rigger</i> a 4 sem timoneiro	1939
Otávio Lima Hugo Swoboda Carlos Zenk Francisco Garlipp Arnaldo Altafini Eduardo Mascarello Inácio Michalski Olimpio Machado Joaquim Silveira (timoneiro)	“Honra Wallig” de barcos a oito remos	1939
Clotário Silveira Oswaldo Silveira Lourival Silveira Joaquim Silveira	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 sem timoneiro	1941
Oswaldo Silveira Manoel Silveira Lourival Silveira	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 sem timoneiro	1942

Joaquim Silveira		
Romeu Monego Elegario Gruinski Conrado Tatsch Pedro Cupini	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 sem timoneiro	1948
Valter Heinrich Francisco Noschang Leopoldo Catarino Valter del Consiglio	Estadual <i>Out-Rigger</i> a 4 sem timoneiro	1960

Quadro 2 - Nome dos atletas e das competições, ano de realização

O quadro acima também mostra a expressiva participação do *Canottieri* nas competições de remo. Apesar dos poucos recursos, o clube se destacou no certame estadual. Em 1924, o *Canottieri* foi campeão estadual pela primeira vez. A equipe que vencera a etapa estadual na prova “Quatro com Timoneiro” fora então ao Rio de Janeiro disputar o campeonato nacional “realizado em águas marítimas, na baía de Botafogo” (HOFMEISTER, 1978, p. 63). O *Canottieri*, representando o Rio Grande do Sul, sagrou-se campeão no dia 20 de dezembro do mesmo ano. A vitória foi muito festejada na chegada dos “italianos” em Porto Alegre, pois a equipe do *Canottiere* venceu “com uma vantagem de mais de cem metros sobre o segundo barco” (DE ROSE, 1996, p.58).

Na segunda metade da década de 1920, o *Canottiere* obteve grandes resultados nas provas de “quatro com timoneiro”, disputadas com o *Grêmio Náutico União* – clube de remo fundado por imigrantes alemães – e com o *Clube de Regatas Almirante Barroso*, identificado com a comunidade portuguesa. É possível evidenciar nas competições de regatas um confronto simbólico de identidades culturais em Porto Alegre, o qual teria continuidade na década seguinte.

Nos anos de 1930, o *Canottiere* se destacaria nas competições oficiais na prova de “*out-rigger* a quatro sem Timoneiro”.

Até 1938 a prova de ‘out-rigger’ a 4 sem timoneiro não integrava o programa de remo rio-grandense. Esta nova modalidade de barco olímpico foi consagrada nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Levou quase três anos para ser oficializada em nosso Estado. Os clubes náuticos nem possuíam esse tipo de barco em suas flotilhas. Num concurso de promoção do ‘Correio do Povo’, entre os prêmios aos vencedores figurava um flamante ‘out-rigger’ a 4 sem timoneiro, mandado construir por influência do jornalista Túlio De Rose, responsável pela página desportiva náutica do grande jornal. O barco coube a um assinante do jornal, que o vendeu para o G.N. União. Como o Barroso e o *Canottieri* já tivessem o seu, somava a três o número de barcos, de forma que pode a Federação incluir a nova modalidade no programa do Campeonato do Estado (HOFMEISTER, 1978, p.64).

O segundo título nacional do *Canottieri* veio dessa nova categoria incluída no programa de competições da Federação de Remo do Rio Grande do Sul. Em 1939, justamente no

primeiro ano em que se incluiu a prova de “*out-rigger* a quatro sem Timoneiro” no Campeonato Brasileiro de Remo, o *Canottieri* conquistou o título brasileiro. Apesar da falta de credibilidade dos cronistas cariocas na equipe de remadores composta pelos irmãos Silveira, a mesma contrariou tais expectativas e superou os atletas favoritos do Rio de Janeiro. As vitórias do *Canottieri* nas competições nacionais de remo contribuíam para a afirmação da identidade regional do Rio Grande do Sul no campo esportivo. Para além do remo, essas disputas identitárias entre gaúchos e cariocas, foram evidenciadas, posteriormente, no futebol.

As vitórias do *Canottieri* não se encerram com a obtenção do título brasileiro. Depois disso, o clube ainda venceu dois campeonatos estaduais em 1941 e 1942. Todos esses títulos favoreceram a construção de representações positivas da identidade cultural do “Clube de Remo dos Italianos” perante os demais. Os “italianos” mostraram que não apenas os “alemães” e os “portugueses” eram bons remadores e esportistas. Dessa forma, os “italianos” construíram uma representação de sua identidade cultural em Porto Alegre, através das práticas esportivas.

Todavia, observa-se no quadro 2, que houve uma interrupção da participação do *Canottieri* em competições de remo depois do ano de 1942. Com o processo de nacionalização o clube rumava para grandes e inevitáveis mudanças. Porém, o “abrasileiramento” não tirou do *Canottieri*, agora “Clube de Regatas Duque de Caxias”, sua função maior, que era de oportunizar a prática do remo e outros esportes náuticos aos seus associados. Tanto que passado três anos do fim oficial do Estado Novo e da II Guerra Mundial, o “Clube de Regatas Duque de Caxias” retomou suas vitórias no cenário estadual, vencendo o “Campeonato Estadual *Out-Rigger* a 4 sem timoneiro”.

Depois de vencer mais um “Campeonato Estadual *Out-Rigger* a 4 sem timoneiro” no início da década de 1960, o “Duque de Caxias” acabou por se extinguir como clube de competição, confirmando a tendência de enfraquecimento da prática do remo em Porto Alegre. Esse fato decorreu de disputas internas no clube para decidir sobre a fusão com o “Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense”, fundamentalmente lideradas por Eduardo De Camillis, que era contrário a fusão, e Túlio de Rose, favorável à fusão. Em entrevista gravada, Marco Túlio De Rose, filho de Túlio De Rose conta que:

O *Canottieri* era um clube muito pequeno, quer dizer, o meu pai era muito ligado a esse clube e acho que, por influência do meu pai, esse clube tomou uma decisão que em minha opinião não foi a melhor; porque ele era o clube da comunidade italiana, ele era um clube muito diminuto entre os clubes de remo na década de 60 e aí, na década de 60, alguns clubes de futebol resolvem fazer fusões com os clubes de remo.

Diante desse contexto, o “Clube de Regatas Duque de Caxias”, no ano de 1962, foi incorporado pelo “Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense”, constituindo-se no Departamento de Remo desse clube (HOFMEISTER, 1978, p.65). Anos depois, o Departamento de Remo entraria em declínio no clube que cada vez mais se afirmava na prática do futebol.

Considerações finais

O *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* se constitui em um espaço de preservação da identidade dos “italianos”. O destaque alcançado pelo clube nas competições de remo em nível local e nacional contribuiu para a afirmação de uma identidade esportiva dos “italianos”. O estudo sugere que os imigrantes italianos também eram esportistas, porém construíram esta identificação tardiamente em relação aos imigrantes alemães e portugueses.

A fundação do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* no início do século XX pode ser vista enquanto uma reação à presença dos imigrantes alemães e portugueses não apenas na prática do remo, mas no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre. Com a instalação do “Clube de Remo dos Italianos” em Porto Alegre, no ano de 1908, foram desencadeados novos confrontos de identidades culturais nas competições de remo entre: “clube de alemães”, “clube de portugueses” e “clube de italianos”.

Todavia, a construção do *Canottieri*, enquanto o “Clube de Remo dos Italianos” em Porto Alegre, comportou as distintas identidades italianas que conviviam na cidade. Possibilitou a diferentes grupos de Porto Alegre cultivar suas identidades regionais italianas, características do imigrante daquele período, bem como do italiano que adotava a segunda pátria de tal forma a cultivar certos símbolos nacionais com mais calor que seus pares brasileiros. Essa crise de identidades foi em especial interessante neste estudo, pois teve lugar não apenas na chegada dos imigrantes, quando acontecem as principais mudanças ou apropriações de identidades, mas sim por haver sempre um relacionamento destas crises com a fase vivida pelo clube. Percebem-se essas mudanças de identidade, principalmente em momentos marcantes como as primeiras vitórias importantes da década de 1920, com a afirmação da *italianità*; o nacionalismo exacerbado no período seguinte à campanha de nacionalização e o choque entre o grupo mais tradicional e “italiano” de Eduardo DeCamillis e o grupo nacionalista de Túlio de Rose, na época da fusão com o *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense*.

O *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* não marcou sua história apenas como um dos clubes de remo de Porto Alegre, mas sim como a primeira associação esportiva criada **CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre**

por um dos grupos étnicos que ajudaram a construir essa cidade. Os seus velhos barcos, que ainda resistem ao tempo na sede do *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense* trazem muitas lembranças, como a luta de um grupo contra a discriminação sofrida no período da Segunda Guerra Mundial. Além disso, também lembram a resistência do *Clube de Remo dos Italianos*, às turbulências causadas pelo processo de nacionalização, tais como: mudança no próprio nome, retirada de importantes documentos da sua sede, atos de depredação de equipamentos e perseguição de alguns dirigentes esportivos.

Apesar dos diversos problemas enfrentados com a nacionalização e a necessidade de recomposição de sua identidade cultural, o “Clube de Remo dos Italianos” manteve-se em atividade até o início da década de 1960, quando, então, foi incorporado pelo *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense*. Por fim, as cores dos velhos barcos do “Clube de Remo dos Italianos” mostram um pouco da história desse que foi o primeiro clube de futebol fundado em Porto Alegre no ano de 1903, pela iniciativa de teuto-brasileiros, oriundos de um clube de remo. Curiosamente, o *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense*, que nasceu como um clube de futebol de “alemães” acabou, 60 anos depois de sua fundação, incorporando os “italianos” do remo.

Referências

ABRUZZI, Liceo Cientifico Ducca degli. Página Eletrônica sobre a história de Luigi Amedeo di Savoia, acessado em 07/Jul/2007. Disponível em <http://www.isisalighieri.go.it/duca/duca.htm>.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA, 2000.

BERTONHA, João Fábio. Soldados de Mussolini. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: SABIN, mai/2007. p. 24-25.

CARBONI, Florence. O mito da lei do silêncio. Caderno Cultura do jornal Zero Hora. Porto Alegre, RBS Jornal. 14/mai/2005. p. 7.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORTEZE, Dilse Piccin. Ulisses foi para a América. Caderno Cultura do jornal Zero Hora. Porto Alegre, RBS Jornal. 21/mai/2005. p. 6.

COSTA, Elmar Bones da (Ed.). História Ilustrada de Porto Alegre. Porto Alegre: Já Editores, 1997.

CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre

COSTANTIN, André. **Anatomia do Bronze**. Caderno Cultura do jornal Zero Hora. Porto Alegre, RBS Jornal. 21/mai/2005. p. 7.

COSTANTINO, Núncia Santoro de. **Manutenção da Identidade: imigrantes italianos em Porto Alegre**. Paese Natio, Zweite Heimat/ Terra Natal, Terra Nova. Porto Alegre, EST Edições, 2002.

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

DE ROSE, Regina Fonticelha. **A Influência da imigração italiana do desenvolvimento do esporte no estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1996. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FROSI, Vitalina Maria; KAUFFMAN, Göz. **A Manutenção da Língua: o futuro dos idiomas italiano e alemão no Rio Grande do Sul**. In: Terra Natal Terra Nova, Porto Alegre: Edições EST, 2002.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento/Universidade de Caxias do Sul, 1975.

GIRON, Loraine Slomp. **Região: identidade e política**. Caderno Cultura do jornal Zero Hora. Porto Alegre, RBS Jornal. 14/mai/2005. p. 4-5.

HOFMEISTER, Carlos. **Pequena História do Remo Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1978.

MACCLANCY, J. **Sport, Identity and Ethnicity**. In: Macclancy, J (ed.). Sport, Identity and Ethnicity. Oxford: Berg, 1996, p. 1-20.

MAESTRI, Mário. **Imigração Italiana: entre a História e o mito**. Caderno Cultura do jornal Zero Hora. Porto Alegre, RBS Jornal. 14/mai/2005. p. 2-3.

MAZO, Janice. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira**. Porto, Portugal, 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Porto (UP).

MAZO, Janice & REPPOLD FILHO, Alberto (Orgs.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2RS, 2005.

MAZO, Janice. **Os clubes esportivos em Porto Alegre**. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MEZZADRI, Fernando. O Estado e a legislação do esporte e Lazer no Brasil: da lei 3.199/41 ao projeto Pelé. **Treinamento Desportivo**, v. 3(3) 38-47, 1998.

PAIVA, Odair da Cruz. **Migrações e Identidade Nacional**. In XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CANOTTIERI DUCCA DEGLI ABRUZZI (1908-1963): a nacionalização do ‘Clube de Remo dos Italianos’ em Porto Alegre

REMOSUL, Federação de Remo do Rio Grande do Sul. Página Eletrônica sobre a história das associações de remo do RS, acessado em 08/jul/2007. Disponível em: <http://www.via-rs.net/pessoais/rsf10511/historia.htm>

REVISTA do Globo. Quinzenário de cultura e de vida social. Porto Alegre: Livraria do Globo, 13/fev./1932. n. 3, v. 4. MAZO, Janice. **Catálogo Esporte e Educação Física na Revista do Globo.** Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA do Globo. Magazine quinzenal. Porto Alegre: Livraria do Globo, 25/abr/1934. n. 8, v. 6. MAZO, Janice. **Catálogo Esporte e Educação Física na Revista do Globo.** Porto Alegre: PUCRS, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Editora da USP, 1998.

SGANZERLA, Cláudia. **A Lei do Silêncio: Repressão e Nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937-1945).** Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

TRENTO, Ângelo. **Os italianos no Brasil/Gli Italiani in Brasile.** São Paulo: Editora Prêmio, 2000.

VANINI, Ismael. **O sexo dos gringos.** Caderno Cultura do jornal Zero Hora. Porto Alegre, RBS Jornal. 14/mai/2005. p. 6.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. **Distintos percursos dos imigrantes italianos: analisando a História da Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul.** In XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

¹Doutora em Ciências do Movimento Humano. Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Escola de Educação Física (ESEF) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento – Mestrado e Doutorado - UFRGS). Tutora do Programa de Educação Tutorial – PET/ESEF/UFRGS
²Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET/ESEF. Graduando em Educação Física - Bacharelado (Escola de Educação Física – UFRGS).